

7. Um elo com o passado: a influência da Grande Guerra Patriótica na formação de Vladimir Putin

Valdir da Silva Bezerra

Jonas Marcell Gomes Domingos

Introdução

Vladimir Putin é percebido por muitos no Ocidente como a representação de uma política externa russa mais assertiva e independente (Pomeranz, 2012). É em função disso que diversos analistas políticos ao redor do mundo tentam interpretar os principais traços de sua personalidade a fim de prever quais serão os próximos passos do atual presidente russo e, conseqüentemente, da própria Rússia nas relações internacionais. Este capítulo propõe analisar a história de Vladimir Putin, bem como os impactos da Grande Guerra Patriótica em sua formação e nas decisões políticas mais significativas à frente da Rússia. Para isso, foi escolhida uma abordagem “intimista”, ou seja, baseada em relatos do próprio Vladimir Putin acerca das diferentes fases de sua vida, porque há quem defenda que Putin procurou construir uma versão da Rússia similar à de sua infância (Bullough, 2014), ou seja, a de um país que age de forma independente no mundo e cujas posições devem ser respeitadas pelas demais grandes potências do sistema. Em todo caso, como Putin é o Chefe de Estado da Rússia há mais de vinte anos, entender sua história, suas crenças e suas percepções é tarefa fundamental para os que desejam decifrar os rumos da política doméstica e externa russa (Mankoff, 2011).

Infância, adolescência e vida adulta

Vladimir Vladimirovich Putin nasceu em 1952 em Leningrado (atual São Petersburgo), sete anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, ou Grande Guerra Patriótica, como é conhecida na Rússia. Em suas próprias palavras, Putin veio “de uma família comum” (Putin, s/d) e estruturada, com pai e mãe presentes durante toda a sua formação. Josef Stalin era o líder soviético à época de seu nascimento, um dos principais responsáveis pela derrota da Alemanha Nazista na guerra e figura central na reconfiguração da ordem mundial no pós-conflito. Sobre Stalin, Putin é enfático em dizer que não concorda com a visão demonizada que se tem dele no Ocidente, afirmando que o líder soviético foi, na verdade, um produto de sua época, como outros nomes famosos na história. No entanto, segundo Putin, nem a Rússia, nem a União Soviética podem ser confundidas com Stalin. A mentalidade do povo russo mudou. Pode até haver, por óbvio, alguns vestígios daquele período nos dias atuais, mas a Rússia mudou radicalmente desde então e, com ela, sua sociedade (Putin et al., 2000; Stone, 2017).

Com relação à sua família, Putin lembra que sua mãe era operária, mas que trabalhou em várias outras atividades profissionais. Comenta que ela passou bastante dificuldade, incluindo a perda de seu segundo filho aos 2 anos de idade devido à difteria e à fome durante o cerco de Leningrado pelos alemães¹ (que durou de 8 de setembro de 1941 a 27 de janeiro de 1944). Ela mesma quase morreu de fome durante aquele terrível período da história russa (Putin et al., 2000). O pai de Putin, Vladimir Spiridonovich, era marinheiro em um destacamento de submarinos e cumpriu serviço militar em Sebastopol, na Crimeia, durante a Grande Guerra Patriótica. Quando o conflito chegou à União Soviética, em 1941, Vladimir Spiridonovich escreveu um requerimento para filiar-se ao partido e depois outro requerimento dizendo que queria ir para a *front*. Ele foi então enviado a um destacamento de sabotagem da NKVD (*Narodniy Komissariat Vnutrennikh Del*, “Comissariado do Povo para Assuntos Internos”, em tradução livre), junto de outras 27 pessoas, responsáveis por

1 ПБК, 2019. Os dois irmãos mais velhos de Putin morreram antes de seu nascimento. O primeiro irmão faleceu antes da Segunda Guerra Mundial. O segundo, falecido durante o cerco de Leningrado, foi enterrado em uma vala comum no Cemitério Memorial *Piskaryovskoye*, em São Petersburgo.

realizar atos de sabotagem na retaguarda do exército, como explodir pontes e trilhos de trem,² e assim atraparhar as ações dos nazistas em solo soviético.

Mais tarde, já no cargo de Presidente, Putin conseguiu confirmar esses fatos por meio do acesso a arquivos oficiais do Estado. O presidente russo lembra que, após operações iniciais de sabotagem, seu pai foi enviado para uma das áreas mais perigosas da guerra, o *front* de Leningrado, mais precisamente para *Nevsky Pyatachok*, onde o exército soviético lutou para manter uma pequena cabeça de ponte junto ao rio Neva. Naquele local, seu pai quase morreu em virtude de uma granada lançada por um alemão em sua direção.³ Ainda assim, terminou saindo gravemente ferido por conta dos estilhaços e viveu “o resto de sua vida com fragmentos na perna: [que] nunca foram removidos para não esmagar os ossos” (ПУТИН, 2015, tradução nossa).

Para além das histórias envolvendo a participação de seu pai na guerra, Putin conta que seus anos iniciais na escola foram bastante agradáveis. Nesse período, ele desenvolveu algumas habilidades sociais. Quando essas habilidades já não lhe pareciam suficientes, buscou apoio nas artes marciais, passando pelo sambo, pelo boxe e pelo judô. Aliás, Putin menciona que sua vida melhorou quando começou a praticar sistematicamente o judô⁴ e que a arte marcial o ensinou a ser flexível quando necessário e também a ceder quando esse for o caminho para a vitória. Sobre a filosofia do judô, Putin extraiu a lição de que ninguém deve ser encurralado nem levado a uma situação de beco sem saída. No mais, os professores de Putin dessa época ressaltam seu comportamento sorrateiro e, por vezes, desorganizado. No entanto, todos captavam o potencial, a energia e o caráter que ele tinha, elogiando-o por sua boa memória e por seu pensamento rápido (Putin et al., 2000).

Putin relata que terminou o Ensino Médio ainda em Leningrado e depois ingressou na Universidade Estatal (hoje Universidade de São Petersburgo)

2 ПУТИН, 2015. Das 28 pessoas que faziam parte do destacamento onde serviu Vladimir Spiridonovich, apenas ele e mais três sobreviveram ao final da guerra.

3 Vladimir Spiridonovich morreu somente em agosto de 1999, aos 88 anos, pouco mais de um ano após a morte de sua esposa, mãe de Putin, falecida em julho de 1998. Sete dias após perder o pai, Boris Yeltsin nomeou Putin como Primeiro-Ministro da Rússia.

4 É interessante apontar que, devido ao esporte e ao serviço militar, o comportamento de Putin se tornou bastante regrado, incluindo sua rotina de sono e de exercícios. Putin é incisivo ao dizer que, se não há disciplina, não há trabalho bem-feito.

para cursar Direito. Ali conheceu sua esposa, com quem se casaria em 1983, aos 31 anos de idade. Em 1975, após se graduar, Putin ingressou no KGB (*Komitet Gosudarstvennoy Bezopasnosti*, “Comitê de Segurança do Estado”, em tradução livre). Conta que, ainda como aluno do Ensino Médio, foi até a sede do KGB em Leningrado e indagou a um funcionário sobre o que seria necessário para trabalhar ali. O funcionário explicou-lhe a necessidade de possuir ensino superior e, de preferência, na área jurídica. Sendo assim, Putin decidiu fazer o curso de Direito. Apesar de romantizar o trabalho no KGB, por ter lido muitos livros e visto filmes sobre os serviços de inteligência, como é o caso de *The Shield and the Sword* [*O escudo e a espada*], Putin também tinha críticas sobre como o sistema funcionava (Putin et al., 2000). Uma de suas críticas, por exemplo, dizia respeito à obrigatoriedade de pertencer ao Partido Comunista para trabalhar no setor de inteligência, o que para Putin representava um absurdo.

Seja como for, seu período de formação no KGB durou cerca de dez anos, após passar por escolas especiais do serviço, tanto em Leningrado como em Moscou. Depois de trabalhar um tempo na contrainteligência e na inteligência estrangeira, foi enviado, em 1985, para Dresden, na Alemanha Oriental, onde ficou até 1990. Em Dresden, Putin serviu no escritório de inteligência local,⁵ sendo promovido duas vezes: na primeira vez, para o posto de Tenente-Coronel e, depois, à posição de Assistente-Sênior do chefe de departamento.

Na Alemanha, Putin residia com sua esposa e filhas. Em casa, ele não conversava sobre o trabalho. Para o KGB, quanto menos sua esposa soubesse sobre suas atividades, melhor ela dormiria. Nos finais de semana, eles recebiam amigos do trabalho e também alguns alemães para jantar e conversar. Os Putin levavam, por assim dizer, uma vida relativamente normal. Anos depois, Putin avaliou que sua vivência na Alemanha Oriental permitiu-lhe ampliar sua visão de mundo, além de “adquirir certas competências, habilidades de lidar com as pessoas, com informações [...] escolher o que é prioritário e o que é menos importante” (Putin, 2000). Menciona que o trabalho no exterior era complexo e que os efeitos psicológicos de ter tido contato com outras perspectivas e realidades sociais tiveram um impacto significativo sobre ele.

5 Coletando informações sobre personalidades importantes e inimigos em potencial. Para tanto, ele também realizava o recrutamento de fontes.

O retorno à Rússia e o início da carreira política

Putin retornou à Rússia em 1990, pouco tempo antes do fim da União Soviética. Ao voltar, frequentou novamente a universidade, prosseguindo sua carreira acadêmica, mas mantendo o cargo de oficial do KGB. Posteriormente, o prefeito de São Petersburgo (antiga Leningrado, renomeada após o colapso soviético), Anatoli Sobchak,⁶ lhe ofereceu um emprego na administração local, o que fez com que Putin deixasse o KGB após muita reflexão.⁷ Na prefeitura, exerceu a função de assessor, algo que o familiarizou com os meandros da política interna daquela que era – e é até hoje – a segunda maior cidade da Rússia, atrás apenas de Moscou. Putin era um chefe centrado, rigoroso, mas nunca levantava a voz. No cargo, ajudou a economia local atraindo empresas estrangeiras e modernizando a infraestrutura de São Petersburgo, criando condições melhores para os negócios e gerando empregos.

Em 1996, no entanto, viria uma grande mudança. Nesse ano, Putin deixou sua cidade natal e mudou-se para Moscou, para trabalhar como Vice-Chefe da Diretoria de Administração de Propriedade Presidencial, sob Boris Yeltsin. Segundo Putin, Yeltsin era um homem que não se esquivava de suas responsabilidades pessoais pela condução e pelos rumos do país. Putin se adaptou bem a Moscou, mas ainda assim detinha maior carinho por São Petersburgo. Foi na capital russa, contudo, que sua carreira política ascendeu de forma meteórica. Em março de 1997, Putin foi nomeado Vice-Chefe de Gabinete do Escritório Executivo Presidencial e Chefe da Diretoria de Controle Principal.

Em julho de 1998, foi nomeado Diretor do FSB (*Federal'naya Sluzhba Bezopasnosti*, “Serviço Federal de Segurança”, em tradução livre), uma das organizações sucessoras do KGB. Curiosamente, Putin passou a chefiar a mesma agência na qual iniciou sua carreira de inteligência. Na sequência, a partir de março de 1999, Putin também ocupou a posição simultânea de Secretário do Conselho de Segurança da Federação Russa, até que, em agosto do mesmo

6 Sobchak ocupou o cargo de prefeito de São Petersburgo de 12 de junho de 1991 a 5 de junho de 1996.

7 Após entregar seu cargo no KGB, Putin menciona que as pessoas ficaram ainda mais curiosas sobre o que ele fazia dentro da organização, a tal ponto que resolveu conceder uma entrevista pública, quando dissertou sobre seu trabalho como oficial de inteligência.

ano e sete dias após a morte de seu pai, foi nomeado por Boris Yeltsin para o seu maior cargo político até então, o de Primeiro-Ministro.

Após a nomeação, Putin menciona que seu desejo era “ajudar a salvar a Rússia do colapso” (Putin, s/d). No decorrer de sua curta gestão, Putin fez ajustes essenciais que uniram algumas atividades do Ministério do Interior, do Exército e do FSB. Entretanto, aquele era um momento bastante conturbado para a Rússia, que sofrera as pesadas consequências da famigerada Crise Financeira de 1998, levando a uma significativa fuga de capitais e depreciação do rublo,⁸ dificultando o acesso a crédito no mercado internacional tanto para o governo quanto para empresas do setor privado.

Em vista, por sua vez, de uma gigantesca perda de popularidade diante daquela situação, Boris Yeltsin decide deixar o cargo de Presidente da Rússia de uma forma surpreendente. Seu anúncio ocorreu justamente na noite de Ano Novo de 2000, com Yeltsin indicando Vladimir Putin para a posição de Presidente interino do país. Putin lembra que considerou a presidência “um fardo bastante pesado para suportar” (Putin, s/d). Ao mesmo tempo, o destino estava lhe oferecendo uma chance única de trabalhar para a Rússia no mais alto cargo que alguém poderia almejar. Logo, “teria sido tolice dizer não” (Putin, s/d).

Putin como Presidente: impressões e momentos-chave

Em 26 de março de 2000, Putin foi confirmado no cargo de Presidente da Rússia, após vencer as eleições nacionais. Em seu discurso de posse, ele considerou seu “dever sagrado” “unificar o povo da Rússia [...] e lembrar a cada dia e a cada minuto que temos uma única Pátria, um único povo e um único futuro” (Putin, s/d). Em entrevistas recentes, Putin relembra o momento conturbado em que se tornou presidente. Era uma época em que grupos terroristas e separatistas do Cáucaso ambicionavam desmembrar o país, a começar pela Chechênia. Para Putin, no entanto, a integridade territorial da Rússia não

8 Em julho de 1998, 1R (1 rublo russo) equivalia a 0.16 USD, enquanto em dezembro do mesmo ano 1R valia apenas 0.04 USD, representando uma desvalorização de cerca de 75% em poucos meses.

estava sujeita a negociação. Aos 39 anos, ele assumiu, então, a responsabilidade de manter o país unido, custasse o que custasse. Afinal, somente assim a Rússia poderia retornar a seu lugar de direito entre as grandes potências (Trenin, 2016).

Putin ainda menciona que sempre viu com clareza a ameaça contra a Rússia representada pelos separatistas. No tratamento a essa ameaça, porém, foi chamado de duro, até brutal, mas a realidade é que os terroristas não buscavam apenas a independência da Chechênia (intenção essa que não era compartilhada pela maioria da população local, vale ressaltar), mas sim formarem uma base no sul do Cáucaso para efetuar novos ataques contra a Rússia (Putin et al., 2000; Stone, 2017). A agressão dos separatistas chechenos começou com invasões a territórios vizinhos, não para se defender do Governo Federal, mas justamente a fim de expandir sua zona de atuação para outras regiões do país. Se os separatistas conseguissem tomar o Daguestão (área vizinha à Chechênia), por exemplo, seria apenas o começo de um processo maior, podendo avançar sobre a Inguchétia, o Bascortostão e o Tartaristão, no coração da Rússia. Para deter essa ameaça, Putin visitava pessoalmente as unidades russas que combatiam na Chechênia, mostrando seu apoio aos que lutavam pela integridade territorial do país (Putin et al., 2000; Stone, 2017). E tais medidas obtiveram o resultado esperado, uma vez que as forças federais, mesmo que a um alto custo, conseguiram retomar o controle da Chechênia e desmantelar os planos dos separatistas. Com isso, Putin concretizava logo de início uma das vitórias políticas mais significativas de sua carreira.

Anos depois, quando indagado sobre os primeiros anos de sua presidência (de 2000 a 2008), Putin disse que trabalhou duro para entregar o país em boas condições para o presidente seguinte, Dmitri Medvedev, que comandou a Rússia entre 2008 e 2012. Nesse período, Putin atuou novamente como Primeiro-Ministro, ressaltando que não interferia nas decisões de Medvedev. Ainda assim, era perceptível a permanência de alguns imperativos geopolíticos da era Putin na administração Medvedev. Um exemplo disso foi a curta guerra contra a Geórgia, em agosto de 2008, que reforçou a soberania da Rússia na região, defendendo seus interesses de segurança no espaço pós-soviético (Mazat & Serrano, 2012).

No Ocidente, aquela guerra foi vendida para o público como uma guerra de agressão russa contra o país vizinho. No entanto, os russos intervieram em defesa das populações da Abcássia e da Ossétia do Sul (duas regiões dentro da Geórgia nas quais estavam estacionadas forças de paz da Rússia), que haviam sido atacadas injustificadamente pelas forças do exército georgiano, a mando do presidente Mikheil Saakashvili. Tratava-se, portanto, de um dos primeiros exemplos da guerra de desinformação empregada pelo Ocidente contra a Rússia. Para Putin, se as pessoas comuns se preocupassem mais com os acontecimentos internacionais, ou seja, se acompanhassem mais de perto as notícias, deixariam de ser tão facilmente manipuladas. Segundo ele, apenas uma análise crítica e bem fundamentada pode fornecer o entendimento mais apropriado da realidade. Corroborando tal postura, Putin diz que não se contenta em ler os resumos do serviço de inteligência que lhe são fornecidos com frequência, mas que realiza, ele mesmo, a leitura minuciosa dos documentos originais para tirar suas próprias conclusões sobre determinado tema (Putin et al., 2000; Stone, 2017).

Essa é uma das marcas da era Putin, diferenciando-a do período caótico vivenciado nos anos 1990. Por falar em diferenças, outra alteração importante trazida por Putin quando chegou ao poder foi o tratamento para com os chamados “oligarcas”, que detinham bastante influência sob o governo Yeltsin. Logo no início de seu primeiro mandato, Putin teve uma conversa séria com os principais representantes da oligarquia russa, expondo-lhes os trâmites da lei e extinguindo a influência desse grupo na política do país.⁹ Poucos foram os que não se adaptaram ao novo cenário, sendo que a maioria dos oligarcas buscou seguir as orientações emanadas por Putin, melhorando o clima político e de negócios na Rússia (Stone, 2017). Em resumo, se antes Boris Yeltsin demonstrava lealdade aos oligarcas, agora os oligarcas é que deveriam demonstrar lealdade ao Estado russo, ou seja, sem se intrometerem nas decisões do Kremlin.

9 Alguns desses “oligarcas” chegaram inclusive a exercer cargos de relevância durante o período Yeltsin, como são os casos de Boris Berezovsky, que atuou por algum tempo como Vice-Secretário do Conselho de Segurança e controlador do principal canal de TV estatal do país, de Vladimir Potanin, que chegou ao cargo de Vice-Primeiro-Ministro, e de Mikhail Khodorkovsky, que atuou como Vice-Ministro das Minas e Energia.

Negociar com os oligarcas foi uma demonstração clara da liderança doméstica exercida por Putin. Entretanto, como presidente da Rússia, ele também precisou demonstrar liderança no plano internacional. E aqui o presidente russo faz alguns apontamentos interessantes. Segundo ele, a exemplo da relação entre Rússia e Estados Unidos, nem sempre ocorre de ambos concordarem em algum ponto, mas que ainda assim compromissos precisam ser buscados, de modo a melhor acomodar os interesses dos atores envolvidos (Putin et al., 2000; Stone, 2017). Nesse contexto, um dos pontos mais espinhosos nas relações russo-estadunidenses diz respeito à questão dos chamados “valores democráticos universais”. Putin ressalta que a democracia não pode ser imposta de fora para dentro, mas que ela deve nascer e evoluir no seio da sociedade, e que esta sociedade deve se ajustar a ela aos poucos. É em vista dessa observação que a elite política russa elaborou o conceito de “democracia soberana”,¹⁰ fundamentando-se nas especificidades culturais, históricas e sociais existentes na Rússia (Wilson, 2009) e diferenciando-a, portanto, das democracias liberais existentes no Ocidente.

Putin, aliás, é bastante crítico em relação ao Ocidente justamente por este não ter aceitado a decisão democrática tomada pelos moradores da Crimeia, em março de 2014, de se unirem à Rússia,¹¹ um dos momentos-chave de seu terceiro mandato como presidente. Em 18 de março de 2014, dois dias depois desse simbólico evento, Putin discursou para as duas câmaras da Assembleia Federal no Salão de São George, no Grande Palácio do Kremlin, dizendo que

Nos corações e mentes das pessoas, a Crimeia sempre foi uma parte inseparável da Rússia. Essa firme convicção é baseada na verdade e na justiça e foi passada de geração em geração, ao longo do tempo, sob quaisquer circunstâncias, apesar de todas as mudanças dramáticas pelas quais nosso país passou durante todo o século XX. (Putin, s/d)

10 Formulado originalmente em fevereiro de 2006 por Vladislav Surkov, então conselheiro de Putin.

11 Após referendo no qual 96% da população residente na península optou por retornar à pátria natal.

A Crimeia representa um lugar simbólico para Putin. Seu pai, como mencionado anteriormente, serviu em Sebastopol, motivo pelo qual o retorno da península à Rússia, nas palavras do presidente, confirmou a lealdade do povo russo à verdade histórica¹² e à memória de seus ancestrais. Afinal, “o feito da geração que derrotou o nazismo será sempre um exemplo de coragem, valor e força de vontade inabalável, um exemplo de serviço altruísta à Pátria” (Путин, 2014, tradução nossa). Por fim, quando reeleito para o seu quarto mandato como Presidente, em 18 de março de 2018, Putin declarou: “[...] é meu dever e o significado de toda a minha vida fazer de tudo pela Rússia, [por] seu presente e futuro” (Putin, s/d). Foi justamente por esse futuro que, em fevereiro de 2022, Putin precisou tomar a decisão mais emblemática de sua vida.

A decisão de uma vida: 2022 e a Operação Militar Especial

Putin nasceu e cresceu ouvindo as histórias da Grande Guerra Patriótica, em que a União Soviética teve sua integridade territorial violada pelas forças alemãs, até estas serem finalmente debeladas pelo Exército Vermelho a um custo altíssimo de vidas.¹³ Dado o peso desse legado histórico, Putin precisou assumir uma visão realista das relações internacionais, preocupando-se, em primeiro lugar, com a segurança nacional da Rússia.¹⁴ Por isso que, ao discursar durante a Conferência de Segurança de Munique, em 2007, Putin se opôs abertamente à expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) para o leste no período pós-Guerra Fria. Afinal, com a expansão, a infraestrutura militar ocidental foi se aproximando cada vez mais das fronteiras russas, assim como fizeram os alemães antes da invasão de 1941. Ora, anos antes do ataque de Hitler à União Soviética, o próprio Stalin já observava

12 Em 2020, dentre as principais emendas à Constituição da Rússia, encontra-se, por exemplo, justamente a proteção da verdade histórica.

13 De 25 a 27 milhões de mortos, entre militares e civis, segundo algumas estatísticas.

14 Há séculos os russos tiveram de lidar com ameaças à sua integridade territorial oriundas do Ocidente. Essa constante histórica decorre da ideia de que os recursos, o território e o poderio acumulados pela Rússia são um obstáculo direto às aspirações de controle global por parte de potências como o Reino Unido (até o século XIX), a Alemanha (primeira metade do século XX) e os Estados Unidos da América após a Segunda Guerra Mundial.

que, “quando um Estado deseja atacar outro com o qual não faz fronteira, esse Estado começa a criar ‘novas fronteiras’ até se aproximar daquele que deseja atacar” (Stalin, 1936 *apud* Kotkin, 2017, p. 575, tradução nossa). E é assim que Putin e a liderança russa enxergam a “expansão das fronteiras da Otan”, iniciada em 1999 e continuada nos anos 2000.

Não sem razão, uma das principais críticas de Putin em relação ao Ocidente se refere à quebra da promessa feita a Mikhail Gorbachev (último Secretário-Geral da União Soviética), no início dos anos 1990, pelas lideranças ocidentais de que a Otan não se moveria nem uma polegada a mais para o leste. Afinal, a Aliança Atlântica “surgiu durante a Guerra Fria, entre dois sistemas [distintos e antagônicos]. E agora a Otan é um mero instrumento da política externa dos Estados Unidos” (Stone, 2017), cuja manutenção baseia-se na falsa acusação de que a Rússia ainda representa uma ameaça para a Europa. Vale lembrar que, no começo dos anos 2000, Putin tentou se aproximar do Ocidente, principalmente dos Estados Unidos, empreendendo uma política de cooperação e não de confrontação como o eixo Euro-Atlântico. No entanto, esse movimento acabou sendo frustrado pela postura taxativa dos norte-americanos em querer estar à frente de tudo e não aceitar posicionamentos diferentes. Como grande potência, a Rússia não pode admitir a ideia de um mundo em que suas opiniões não sejam respeitadas nem levadas em consideração.

Seja como for, os planos de alargamento da Otan, defendidos pelos Estados Unidos, em especial com a inclusão da Ucrânia (como já exposto durante a Conferência de Bucareste de 2008), significariam entrar em conflito direto com a Rússia, por regiões pouco importantes do ponto de vista da segurança norte-americana (Тренин, 2021, p. 275, tradução nossa). Por isso que, no começo de 2022, Putin e a alta cúpula russa empreenderam negociações com as lideranças ocidentais a respeito da situação na Ucrânia. Na ocasião, o presidente russo exigiu garantias da Aliança Atlântica de que o país vizinho não seria aceito na Otan, nem naquele momento, nem no futuro, mencionando a justificada preocupação russa com a provável instalação de mísseis nucleares de médio alcance e de tropas da Otan em solo ucraniano. Contudo, as tentativas de se chegar a um acordo foram frustradas pela completa insensatez do Ocidente, que ignorou as preocupações russas a respeito da “linha vermelha” representada pela aproximação da Ucrânia da organização militar ocidental ou por uma eventual entrada nessa organização.

Para Putin, a resolução de problemas internacionais deve passar inicialmente pelo caminho da negociação e da observância do Direito Internacional. No entanto, o uso das forças armadas, incluindo forças terrestres, por vezes acaba sendo a única opção viável para a defesa dos interesses nacionais e securitários de um país. Foi por isso que, em 24 de fevereiro de 2022, Putin anunciou o início da operação militar especial na Ucrânia, sendo essa talvez a decisão mais emblemática de toda a sua vida. Em seu discurso à nação, Putin afirmou que tal decisão foi tomada de acordo com os princípios da Carta da ONU,¹⁵ objetivando “proteger as pessoas [da região de Donbass] que, há oito anos, enfrentam a humilhação e o genocídio perpetrados pelo regime de Kiev” (Putin, s/d).

Para tal, a Rússia buscaria “desmilitarizar e desnazificar a Ucrânia, bem como levar a julgamento aqueles que perpetraram inúmeros crimes sangrentos contra civis” (Putin, s/d). Em suma, o conflito na Ucrânia resultou do não aprendizado por parte do Ocidente das lições da Grande Guerra Patriótica. Do lado russo, por sua vez, representou justamente o aprendizado dessas lições, a saber, de que os interesses nacionais e de segurança da Rússia não podem ser negociados, seja quem for o adversário que os ameace.

De fato, não há como negar que a decisão de Vladimir Putin de enviar tropas à Ucrânia em fevereiro de 2022 tornou-se o mais dramático capítulo na história recente das relações entre a Rússia e o Ocidente. Mas também não há como negar o peso que a história da Grande Guerra Patriótica teve sobre essa decisão. Afinal, é impossível se livrar do elo com o passado. E isso é válido tanto para indivíduos como para Estados.

Considerações finais

Forjado nas sombras do pós-guerra, Vladimir Vladimirovich Putin se desenvolveu num ambiente que lhe propiciou um arrojado repertório comportamental, baseado na disciplina, reforçada por momentos desafiadores em sua carreira na inteligência e na política, que também lhe exigiram resiliência. Sua conduta discreta sugere um antecedente regulado pelo autocontrole e

15 Em especial o Artigo 51 (Capítulo VII).

pelo pensamento estratégico, enquanto seu genuíno apego à Rússia reflete um condicionamento sustentado por reforços histórico-sociais. Sua personalidade forte e, ao mesmo tempo, tranquila pode ser interpretada como um padrão comportamental modelado por momentos aversivos ao longo de sua trajetória. Suas ações no comando da Rússia são resultado de uma experiência moldada ao longo das diferentes fases de sua vida. O caminho de Putin, assim como o caminho de qualquer pessoa, foi traçado não apenas pelo destino, mas também pelas marcas invisíveis de sua própria história. História essa que está intimamente ligada com as repercussões da Grande Guerra Patriótica, como se procurou demonstrar neste capítulo.

Referências

- Путин, В. (2014). *Путин в Севастополе: патриотическая столица, молочные кухни и особый статус участников обороны города*. Комсомольская Правда. <https://www.sevastopol.kp.ru/daily/28353.5/4499578/>
- Путин, В. (2015). «Жизнь такая простая штука и жестокая». Русский пионер. <https://ruspioner.ru/cool/m/single/4655>
- РБК (Росбизнесконсалтинг). (2019). *Путин сообщил о найденной поисковиками могиле брата*. Москва. <https://www.rbc.ru/rbcfreenews/5defcof79a79475a6f6886e5>
- Тренин, Д. (2021). *Новый Баланс Сил: Россия в поисках внешнеполитического равновесия*. Альпина: Москва.
- Bullough, O. (2014). Vladimir Putin: The rebuilding of 'Soviet' Russia. *BBC*. <http://www.bbc.com/news/magazine-26769481>
- Kotkin, S. (2017). *Stalin: Waiting for Hitler, 1929-1941*. Penguin Books.
- Mankoff, J. (2011). *Russian foreign policy: The return of great power politics*. Council on Foreign Relations. [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=gggdw1CEJGU>
- Mazat, N., & Serrano, F. (2012). A geopolítica da federação russa em relação aos Estados Unidos e à Europa: vulnerabilidade, cooperação e conflito.

In A. A. M. P. Alves (Org.), *O renascimento de uma potência?: Rússia no século XXI* (pp. 9-50). Ipea.

Pomeranz, L. O objetivo da modernização econômica e a capacidade de inovação da Rússia. In A. A. M. P. Alves (Org.), *O renascimento de uma potência?: Rússia no século XXI* (pp. 169-208). Ipea.

Putin, V. Biography. *Personal website*. <http://en.putin.kremlin.ru/bio/page-o>

Putin, V. (2000). Interview with CNN's Larry King Live. *CNN*. <http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/21558>

Putin, V., Gevorkyan, N., Timakova, N., & Kolesnikov, A. (2000). *First person: An astonishingly frank self-portrait by Russia's President Vladimir Putin*. Public Affairs.

Stone, O. (2017). *As entrevistas de Putin* (C. Szlak Trad.). Best Seller.

Trenin, D. (2016, maio/jun.). The revival of the Russian military: How Moscow reloaded. *Foreign Affairs*, 95(3), 23-29.

Wilson, J. L. (2009). Colored revolutions: The view from Moscow and Beijing. *Journal of Communist Studies and Transition Politics*, 25(2), 369-395.



Figura 7.1 – Vladimir Putin com seus pais em 1985, antes de sua partida para a Alemanha Oriental.

Fonte: Wikimedia Commons (domínio público).



Figura 7.2 – Boris Yeltsin se encontra com o (até então) primeiro-ministro Vladimir Putin, dezembro de 1999.

Fonte: Wikimedia Commons (domínio público).



Figura 7.3 – Putin carrega o retrato de seu pai durante o ato “Regimento Imortal” em Moscou, 2017.

Fonte: Wikimedia Commons (domínio público).

